

# ESTUQUE ORNAMENTAL: HISTÓRIA E RESTAURO

Alexandre Ferreira Mascarenhas (\*,†); Márcia Franqueira (\*\*)

(\* ) Museu Nacional-UFRJ, (†) UEP-Tiradentes, RJ/Programa Monumenta/MinC

(\*\*) Departamento Patrimônio Histórico/Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz

## Introdução

O Brasil possui um rico acervo arquitetônico artístico e histórico, onde a maioria das edificações apresenta o estuque ornamental como função decorativa em suas fachadas. O uso excessivo dos estuques ornamentais caracterizou o período eclético, onde este ofício foi bastante difundido.

Atuar em obras de restauração de maneira adequada tem sido uma das premissas deste exigente mercado de trabalho. Princípios como autenticidade, reversibilidade, compatibilidade entre materiais e a utilização de técnicas apropriadas caracterizam alguns dos critérios que devem ser observados.

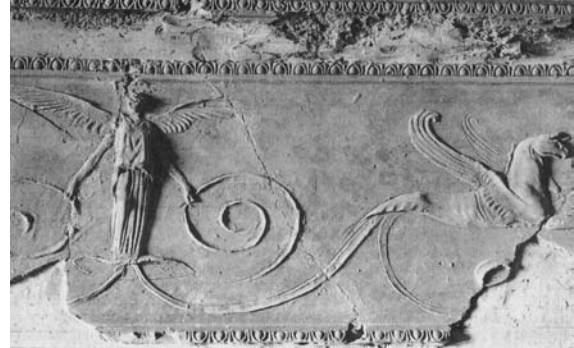
O estudo de caso do restauro dos estuques ornamentais de fachada das *Bow-Windows* do Pavilhão Mourisco da Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, pretende mostrar que o uso das normas de restauração e conservação de forma adequada aplicados na prática em uma obra criteriosa, contribuiu para a permanência do patrimônio histórico edificado do país. O resgate das técnicas do ofício da estucaria, o uso de materiais compatíveis e mão-de-obra capacitada foram alguns dos elementos que asseguraram o sucesso na execução destes trabalhos de restauração.

## Materiais e Métodos

O desenvolvimento da técnica de estucaria se aprimorou a partir do período clássico na antiguidade grega e, sobretudo, na romana. Deve-se, portanto aos romanos a divulgação e valorização da técnica ao longo dos anos, já que eles utilizaram o estuque para cobertura e acabamento de alvenarias em pedra, como pilastras e colunas, recebendo algum trabalho em policromia artística ou lisa e, principalmente, usaram-no como elemento decorativo em paredes e forros de teto, criando *in loco* esculturas manualmente executadas com argamassas diversas.

A disseminação do ofício, sobretudo no Renascimento, no período barroco e no ecletismo, contribuiu para a evolução, invenção e concepção de numerosas técnicas que utilizaram materiais distintos, como o pó de mármore, a cal, o gesso, areia bem fina, pigmentos naturais e o uso do cimento tipo Portland, já no século XIX.

No Brasil, até o início dos anos 1930, era possível adquirir através de catálogos, moldes de diversificados ornatos para compor o edifício, de acordo com seu uso e sua função política, econômica e social na sociedade nos centros urbanos.



**Fig.1** Estuque Terma de Dioclesiano, 305 a.C. FOGLIATA: 1995, p.27.

## Restauração dos estuques ornamentais de fachada das *bow-windows* do Pavilhão Mourisco

A obra de restauração dos revestimentos ornamentais de argamassa das *bow-windows* teve como grande desafio a confecção de novos ornamentos compatíveis com os ornamentos originais, possibilitando a harmonia entre a textura, forma e cor das novas peças com as peças antigas, de acordo com as diversas áreas preservadas desses painéis ornamentais. Após um longo trabalho podemos afirmar que conseguimos o equilíbrio entre a *estância estética* e a *estância histórica* da obra em questão. Para isso foi desenvolvida uma metodologia apropriada e antigos procedimentos, já aprovados e utilizados pela equipe foram reavaliados de acordo com este caso tão particular.

## Conclusões

Impõe-se um controle rigoroso da execução dos serviços no canteiro, de modo que possamos ter o controle do maior número de variáveis: coloração do cimento, cor e granulometria da areia, método de vibração, correta dosagem dos pigmentos, controle da contaminação no canteiro e outras.

## Referências

- (1) Mascarenhas, Alexandre Ferreira. **Patologias e restauração dos estuques ornamentais e estruturais em edificações históricas**. Monografia de mestrado pelo programa de Pós-graduação da Engenharia Civil da Universidade Federal Fluminense, 2005. 260p.
- (2) Franqueira, Marcia. **A restauração do Pavilhão Mourisco**. In: Caminhos da Arquitetura em Manguinhos. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, COC, FAPERJ, 2003.

## E-Mails dos Autores

afmascarenhas@yahoo.com  
mmf@coc.fiocruz.br